



## **EU, PROFESSOR: IDENTIDADE DOCENTE NO LIVRO DIDÁTICO**

Vera Lucia Oliveira Cardoso  
Universidade Estadual da Paraíba – (UEPB)  
[verinhaoliveira@gmail.com](mailto:verinhaoliveira@gmail.com)

### **INTRODUÇÃO**

Entendemos que a linguagem se constitui como elemento essencial do ser humano e se caracteriza como principal meio de interação social. Por meio dela percebemos o mundo, expressamos nossas ideias, influenciemos pessoas e somos influenciados, protestamos, questionamos, problematizamos.

Como afirma Laplatine e Trindade (2003: p. 10) “a imagem que temos de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta do que nós sabemos sobre esse objeto externo.” A imagem do professor, ao longo da história da educação brasileira tem sido bastante paradoxal: ora apresentada como a ‘tia’ boazinha da primeira fase do Ensino Fundamental, na Educação Infantil, ora como a figura rígida e intransigente dos anos finais desse segmento. Ambas as imagens são vastamente propagadas e cultivadas em nossa sociedade, como caracterização do sujeito professor.

Neste artigo, pretendemos refletir sobre os efeitos de sentido criados e difundidos na sociedade acerca da imagem do professor, como esta se apresenta em atividades no livro didático de Língua Portuguesa (LP), e como isso interfere nas relações sociais, tendo em vista que o sujeito interage constantemente com o meio social do qual faz parte, conforme afirma Bakhtin (2011, p. 293): “viver significa participar de um diálogo”.

Nosso objetivo maior é analisar como a imagem do professor, apresentada em atividades no livro didático, pode reforçar imagens estereotipadas e negativas desse profissional, podendo, até, ocasionar problemas de convivência com os alunos. Também pretendemos refletir sobre as ideologias subjacentes a esses enunciados, assim como propor outras atividades para se trabalhar com essa imagem.

---

## METODOLOGIA

Este trabalho teve como metodologia a pesquisa bibliográfica e documental, tendo como *corpus* uma *tirinha de humor*, do cartunista Caco Galhardo, presente no livro do 8º ano da *Coleção Diálogo*, que mostra uma imagem estereotipada do professor – ou melhor, de uma professora – corrente no imaginário de nossa sociedade.

Pretendemos responder à seguinte questão: a imagem do professor difundida “inocentemente” no livro didático de Língua Portuguesa, ainda que sob o viés do humor nos quadrinhos, não esconde um conceito negativo acerca do sujeito professor e um descrédito na melhoria da educação e nas diversas tentativas de inovação no ensino?

Para responder a esse questionamento, pesquisamos e traçamos um panorama dos Livros Didáticos no Brasil, desde sua implementação na década de 1930, com o Decreto-Lei nº 1.006 de 30 de dezembro de 1938, até os dias de hoje.

Depois disso, partimos para a análise da tirinha de humor, considerando suas peculiaridades enquanto gênero textual pertencente à linguagem quadrinhística, que, como qualquer outro, requer consideração – dentre outros aspectos – à sua estrutura composicional, ao suporte em que é publicado e à função a que se destina.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

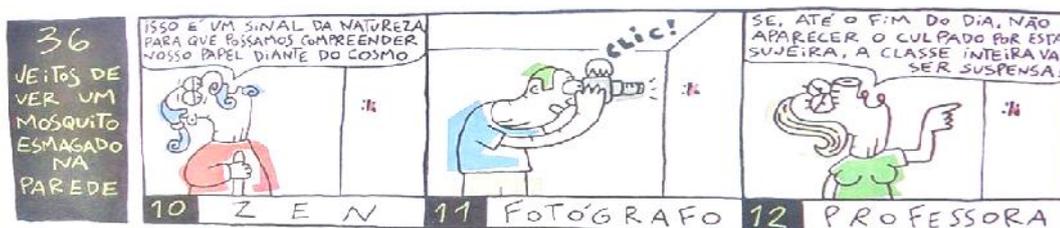


Figura 1: **36 jeitos de ver um mosquito esmagado na parede** (Coleção Diálogo, 2009, p. 234)

A tira intitulada “36 jeitos de ver um mosquito esmagado na parede”, publicada em 2001 no livro *Diga-me com que carro andas e eu te direi quem és!*, do cartunista Caco Galhardo é composta de 36 quadrinhos, divididos em seções de três, formando nove tirinhas.

Analisando o título, notamos que o fragmento incluído no livro didático contempla apenas três das 36 figuras constituintes da tira, isto é, corresponde a uma

das doze tirinhas. Observamos, ainda, que a escolha das autoras pelo segmento da tirinha contendo a figura da professora não foi casual.

Todas as figuras são apresentadas de forma caricaturesca, e muito teríamos a dizer se as analisássemos também. Não obstante, deter-nos-emos a compreender as significações decorrentes da presença desse excerto da tirinha no livro didático citado, envolvendo a figura do professor.

O enunciado que a introduz diz o seguinte:

1. Cada um vê e percebe o mundo “com os próprios olhos”, de um jeito peculiar e único. Leia a tirinha a seguir e veja como o autor, de forma bem-humorada, aborda esse assunto. (p. 234)

*Cada um vê e percebe o mundo “com os próprios olhos”.* Vamos à análise dessa primeira parte do enunciado.

**1) Seriam as aspas um indício de que os professores, na verdade, não veem o mundo ‘com seus próprios olhos’, mas com os das autoras do livro didático?**

Este questionamento nos parece bastante pertinente, tendo em vista que, infelizmente, muitas vezes, o livro didático é usado cegamente pelo professor, difundindo pontos de vista incoerentes com o modelo de ensino democrático e flexível que propõem os documentos oficiais, e de que os próprios livros se fazem entender cumpridores. Conforme Ferrarezzi Júnior (2008, 23) nos afirma, “É por meio dos olhos da cultura que o indivíduo enxerga o mundo”, assim, a imagem do professor está sendo transmitida como um modelo ultrapassado e inadequado para o modelo de educação atual.

**2) As autoras escreveram isso depois de escolherem um fragmento de tira em que aparece um modelo de professor que não cabe no modelo educacional baseado no diálogo, flexibilidade e respeito, conforme os PCNs recomendam.**

Esta coleção, antes de chegar às escolas, passou pelo crivo de uma banca de conceituados professores, sendo considerada aprovada, podendo, assim, constar no guia do MEC, enviado para as escolas, como obra que atende ao seu projeto político pedagógico, projeto este que se intitula democrático e requer do professor uma postura flexível, afetiva e mediadora, visando possibilitar ao educando situações de aprendizagem significativa. Esta postura não se coaduna com a demonstrada na tirinha, cuja professora se mostra intransigente e pouco preocupada com a mediação na aprendizagem dos estudantes.

---

A falta de conhecimento das teorias subjacentes à prática pedagógica pode tornar o professor um mero usuário inconsciente de livros didáticos, um simples cumpridor de tarefas com um enfoque que desvirtua sua profissão e desconsidera as tentativas de inovação e melhoria da educação brasileira.

Na segunda parte, a responsabilidade sobre a maneira de retratar os personagens, entre eles, a professora, é atribuída exclusivamente ao cartunista:

*Leia a tirinha a seguir e veja **como o autor**, de forma **bem-humorada**, aborda esse assunto. (p. 234) (grifos nossos)*

Vale salientar que a tira possui 36 quadrinhos, dos quais, apenas três foram selecionados, equivalentes a uma tirinha das doze disponíveis no livro do cartunista.

Para reforçar a tese de que esta parte da tira foi escolhida especificamente devido à figura da professora – sem que as autoras se questionassem, sequer, se a postura apresentada é representativa da figura do professor que se pretende trazer para a sala de aula numa proposta de ensino democrática – o personagem “Zen”, inexistente no universo social dos alunos, vem com uma nota explicativa. Ele não poderia ser retirado para colocar outro, visto que faz parte da sequência da história em quadrinho (HQ). Assim, prevendo que os alunos – ou boa parte deles – teriam dificuldades em compreender o primeiro quadrinho da tirinha, um esclarecimento bastante oportuno e positivo é colocado acerca do personagem: o que é uma pessoa “zen”? Como é seu estilo de vida?, enfatizando seu respeito pelo meio ambiente. Até uma ilustração é colocada para que não restem dúvidas ao término da leitura da nota.

A desvalorização da figura do professor prossegue e se assevera quando na letra “a”, as autoras lançam a pergunta sobre “qual a personagem mais interessante e por quê”. Convenhamos, as chances de um aluno se identificar ou simpatizar com a figura estereotipada de um professor intolerante é praticamente zero.

A pergunta feita, dado o contexto da tirinha, induz o aluno a escolher outro personagem, sem abrir o debate sobre a postura do sujeito professor mostrada na tirinha. Uma discussão nesse sentido, poderia ser bem mais produtiva, possibilitando aos professores e alunos refletirem acerca da atitude da professora da tirinha em relação aos professores com quem eles convivem dentro da escola.

O “golpe final” é dado com o questionamento que segue na letra “b”, sobre a característica ressaltada para cada personagem.

---



A expectativa de resposta presente no manual do professor, traz o seguinte:

No Zen, a valorização da natureza; no fotógrafo o desejo obsessivo de fotografar; e, na professora, o controle da classe, o autoritarismo.

É essa a imagem que as autoras têm do professor que está atuando e utilizando seu material, pretensamente inovador e antitradicionalista em sala de aula? É essa a imagem que querem que os alunos tenham de seus professores em sala de aula?

A contribuição negativa atribuída ao papel do professor é clara: a atividade induz o estudante a alimentar uma visão negativa do professor, mesmo que em seu dia a dia na escola ele não veja aquele comportamento, ele certamente já viu – em outra época – ou ouviu falar, ou vê esse mesmo “mestre” sendo assim retratado em telenovelas ou filmes.

## CONCLUSÃO

Não há como falar de identidade docente sem observarmos o que de fato está acontecendo dentro da sala de aula. Sendo o livro didático um elemento constitutivo do processo educacional brasileiro, faz-se necessária a análise sobre as ideologias e valores identitários que vão sendo disseminados culturalmente dentro de nossas escolas. Por isso, os professores precisam estar atentos aos subentendidos nas atividades que realizam para não ser reprodutores de discursos preconceituosos e induzir os alunos a acreditarem nesses discursos.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BELTRÃO, E. L. S; GORDILHO, T. C. *Diálogo: língua portuguesa*. Ed. renovada. São Paulo: FTD, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FERRAREZI JUNIOR, C. *Semântica para a educação básica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAPLATINE, F. e TRINDADE, L. *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

---